ARTIGO COMPLETO
FULL ARTICLE
ARTÍCULO COMPLETO

ENVIRONMENTAL SMOKE
(www.environmentalsmoke.com.br)
ISSN 2595-5527
v. 1, n. 2, p. 120-146, 2018

RESILIÊNCIA: UMA ALTERNATIVA DE SUPERAÇÃO AO SOFRIMENTO CARCERÁRIO EM UM CENTRO DE REEDUCAÇÃO FEMININO

Rosicleia Araújo MONTEIRO[1]; Marisete Fernandes de LIMA[2]; Gil Dutra FURTADO[3]

[1]Pedagoga/Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Especialização em Psicopedagogia Institucional pelo CINTEP/PB; Servidora Pública do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil. E-mail: rcleia.am@gmail.com

[2]Doutora em Psicologia pela PUCCAMP; Servidora Pública da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: mariseteufpb@gmail.com

[3]Graduando em Medicina Veterinária/Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU/PB); Engenheiro Agrônomo/UFPB; Doutor em Psicobiologia/UFRN; Agrônomo-Sócio da Cooperativa de Agronegócio (COOPAGRO), Brasil. E-mail: gdfurtado@hotmail.com

Resumo. O presente trabalho monográfico versa sobre a questão da resiliência, com a pretensão de conhecer esta categoria de análise do ponto de vista conceitual. Dentre os objetivos deste estudo destaca-se a importância de compreender as possibilidades de aplicar os pilares resilientes na Educação de Jovens e Adultos – EJA - em contexto prisional, como resultado do bem-estar de convivência no Centro de Reeducação Feminina. Nesse sentido, a metodologia pauta-se na escuta e análise da história de vida de três reclusas, fundamentada na natureza descritiva e qualitativa. Para a discussão dos dados, utilizou-se ainda de um questionário elaborado e aplicado pelo grupo de Educação do Projeto de Extensão do Núcleo de Direitos Humanos "Ressocialização Feminina, Direitos Humanos e Cidadania". Os resultados da pesquisa apontaram para a necessidade de promover os pilares da resiliência através da Educação, uma vez que este exercício transpõe os limites da simples leitura e escrita exigida pela sociedade grafocêntrica, isto é, possibilita uma melhor reinserção social das mulheres que se encontram em situação de cárcere, podendo resultar na prática da cidadania.

Palavras-chave: Resiliência; Reclusas; Educação de Jovens e Adultos em prisões; Liberdade condicional.

RESILIENCE: AN ALTERNATIVE OF OVERCOMING CARCERARY SUFFERING IN A FEMALE REEDUCATION CENTER

Abstract. This monograph deals with the issue of resilience , with the intention to meet this category of analysis of the conceptual point of view. Among the objectives of this study highlight the importance of understanding the possibilities of applying resilient pillars in Youth and Adults - EJA - in the prison context , as a result of the welfare of living in Downtown Women's Reeducation. In this sense , the methodology is guided listening and analysis of life history three inmates , based on

Submitted on: 03 Nov. 2018; Accepted on: 01 Dez. 2018; Published on: 31 Dec. 2018
DOI: https://doi.org/10.32435/envsmoke.201812120-146

descriptive and qualitative nature . For a discussion of the data, we used a questionnaire yet developed and implemented by the group Education Extension Project of the Center for Human Rights " resocialization Women, Human Rights and Citizenship " . The survey results pointed to the need to promote the pillars of resilience through education , since this exercise transposes the boundaries of mere reading and writing required by grafocêntrica society, ie , provides a better social reintegration of women who are in situation in prison and may result in the practice of citizenship.
Keywords: Resilience; Inmates; Education of Youth and Adults prisons; Probation.

RESILIENCIA: UNA ALTERNATIVA DE SUPERACIÓN AL SOFRIMIENTO CARCERARIO EN UN CENTRO DE REEDUCACIÓN FEMENINA

Resumen. Esta monografía trata el tema de la resiliencia, con la intención de cumplir con esta categoría de análisis del punto de vista conceptual. Entre los objetivos de este estudio se destaca la importancia de comprender las posibilidades de aplicar pilares resilientes en jóvenes y adultos, EJA, en el contexto de la prisión, como resultado del bienestar de vivir en el centro de reeducación de la mujer. En este sentido, la metodología es la escucha guiada y el análisis de la historia de la vida de tres internos, en función de su naturaleza descriptiva y cualitativa. Para una discusión de los datos, utilizamos un cuestionario aún desarrollado e implementado por el Proyecto de Extensión Educativa del Centro de Derechos Humanos "Resocialización de Mujeres, Derechos Humanos y Ciudadanía". Los resultados de la encuesta apuntaron a la necesidad de promover los pilares de la resiliencia a través de la educación, ya que este ejercicio transpone los límites de la mera lectura y escritura requeridos por la sociedad grafocêntrica, es decir, proporciona una mejor reintegración social de las mujeres que se encuentran en situación de prisión y puede resultar En la práctica de la ciudadanía.
Palabras clave: Resiliencia; Reclusas; Presos Educación de jóvenes y adultos en prisiones; Libertad condicional.

INTRODUÇÃO

Resilie, em latim, significa “voltar a entrar saltando” ou “pular para cima” (MELILLO, 2005, p. 60). Na física, resiliência significa a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica (FERREIRA, 1986, p. 1493). Ainda no campo da física, a resiliência é definida por Houaiss (2001, p. 1651) como sendo a “propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica”, ou melhor, “a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”. Importante considerar que há uma diferenciação entre o ser humano e um objeto inanimado: o primeiro porque após

vivenciar adversidades não tem como retornar ao estado anterior, seja nos aspectos físico, emocional e espiritual.

Segundo Melillo (2005), uma das contribuições para estruturar o conceito de resiliência foi protagonizada por Emmy Werner e Ruth Smith, num prolongado estudo de epistemologia social realizado na ilha de Kawai (Havaí), em 1955. Elas realizaram, durante 32 anos, uma pesquisa sobre a vida de quase 500 pessoas desde o período pré-natal até a vida adulta, as quais se encontravam em condições de extrema pobreza. O que chamou a atenção das pesquisadoras foi o fato de que esse grupo de indivíduos, mesmo exposto às situações de risco, demonstraram repetidamente, a capacidade de superar as dificuldades, além de apontar perspectivas de construir um futuro.

Na concepção de Grotberg (1996), a resiliência é aplicada à capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade. A mesma defende a utilização de estratégias para promover fatores de resiliência, as quais exige a organização em quatro categorias diferentes: "eu tenho" (apoio ou suporte social); "eu sou" e "eu estou" (relativo ao desenvolvimento da força intrapsíquica); "eu posso" (aquisição de habilidades interpessoais e resoluções de conflitos).

No espaço intramuros carcerário há conflitos constantes que exigem das internas um alto grau de domínio de ações, e isso requer uma definição clara do conhecimento de onde você está e aonde você quer chegar.

Existe, também, o modelo ecológico-transacional de resiliência, baseadas no modelo ecológico de Bronfenbrenner (1981) o qual é responsável pelos seguintes níveis: o individual, o familiar, o comunitário (vinculados aos serviços sociais) e o cultural (vinculado aos valores sociais) (INFANTE, 2005 *apud* MELILLO, 2005).

A estreita relação que a resiliência tem com a adversidade provoca um "leque" de muitos fatores de risco, desde viver na pobreza ou a morte de um ente querido, ou seja, em qualquer das circunstâncias há uma reação dinâmica que favorece o resultado da adaptação positiva. Interessante que, para identificar se houve um processo resiliente é necessário observar a adaptação positiva considerando a variabilidade ontogenética efetivada durante o ciclo de vida. Para Werner; Jonhson (1999, *apud* MELILLO, 2005) essa argumentação de variabilidade ontogenética sugere que:

> "se o ambiente, a família e a comunidade seguem apoiando o desenvolvimento da criança e promovendo os recursos de que possa necessitar para superar a adversidade, existe alta probabilidade de que o

> indivíduo continue se adaptando positivamente através do tempo." (JONHSON, 1999 *apud* MELILLO, 2005, p. 28).

No contexto prisional, o ambiente, a família e a comunidade pouco contribuem para que as internas se adaptem positivamente a sua realidade. São em minoria os casos em que a família apóia; e a comunidade que mais oferece recursos são as universidades com alguns de seus projetos, mas mesmo assim não são ações suficientemente eficazes.

Dentre os principais modelos de concepções resilientes apresentados acima, o de Edith Grotberg (1918 – 2008) resume bem a proposta desse trabalho, uma vez que defende a utilização de estratégias para promover fatores resilientes numa ação sistematizada que contempla quatro suportes vinculados à proposta de Jacques Delors: 1- eu tenho/aprender a conhecer (atenção, memória, conhecimento); 2 – eu sou/aprender a ser (fortalecimento da identidade); 3 – eu estou/aprender a viver junto (compreender o outro); 4 – eu posso/aprender a fazer (habilidades interpessoais).

A resiliência nas ciências sociais, segundo Martins; Araújo (2013) é conduzida como metáfora e descreve os fenômenos observados em pessoas que, mesmo vivendo em situações adversas, são capazes de desenvolver condutas que lhes proporcionem boa qualidade de vida. Há uma preocupação universal em torno do comportamento do homem diante de situações desfavoráveis às quais, normalmente, os colocariam impotentes e inertes.

O tema resiliência assim como suas diferentes concepções faz parte das preocupações da Organização Panamericana da Saúde (OPAS), com sede em Washington. A OPAS é um organismo internacional de saúde pública com um século de experiência, dedicado a melhorar as condições de saúde dos países das Américas assegurando a todos os habitantes desse Continente, o gozo de ótima saúde e o bem-estar de suas famílias e comunidades. No final de 1995, a OPAS organizou a primeira oficina sobre resiliência coordenada pelo doutor Néstor Suaréz Ojeda, tendo como uma das participantes Edith Grotberg[1](MUNIST, 2005 *apud* MELILLO, 2005, p. 39). Essa oficina colocou o conceito de resiliência na Agenda da OPAS e da OMS, para fortalecer as ações na promoção da saúde escolar.

O Centro Internacional de Informação e Estudo da Resiliência (CIER), é um órgão vinculado a Universidade Nacional de Lanús, Buenos Aires, Argentina, desde 1997. Este

[1] Drª. Edith Grotberg é cientista sênior no Centro de Pesquisa Internacional Civitan, da Universidade de Alabama em Birmingham, Alabama, EUA. Uma psicóloga do desenvolvimento, professora da American University, Washington DC, e na Universidade Ahfad para as Mulheres em Omdurman, Sudão. Foi Diretora de Investigação para uma agência governamental dos EUA preocupada com crianças, jovens e famílias em risco. Escreveu e publicou extensivamente em sua pesquisa, a pedido dos resultados da investigação aos serviços e na formação política. Seu foco atual sobre a resiliência é um ponto culminante e integração de trabalhos anteriores e experiências (GROTBERG).

Centro, apoiado pela Fundação Bernard van Leer (Holanda), está subordinado ao Departamento de Saúde Comunitária e tem como objetivo receber, elaborar e difundir informações produzidas pelo tema (Idem). O CIER, juntamente com a Organização dos Estados Americanos (OEA), a UNICEF, o Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires e o Serviço Universitário Mundial (SUM) promoveram o Primeiro Seminário Internacional realizado em junho de 1997 sob o tema "O Conceito de Resiliência nas Intervenções Sociais".

Participou do referido evento o doutor Stefan Vanistendael que buscou ampliar as discussões sobre novos conceitos de resiliência a partir da "*casita*" elaborada por Vanistendael que constitui elementos da resiliência: a) o chão: representado pelas necessidades básicas como saúde, alimentação, descanso e recreação; b) o cimento: entendido como as redes de contato em que vive e se desenvolve o ser humano através da família, amigos, vizinhos, colegas de escola e de trabalho; c) o coração: sinônimo de aceitação incondicional da pessoa, independentemente de seu comportamento, por parte de alguém próximo, e por fim, d) planta baixa: apresenta-se como a capacidade de descobrir um sentido, uma coerência na vida (MUNIST *apud* MELILLO, 2005). E para fortalecer ainda mais a resiliência, o autor ainda acrescenta os elementos essenciais à constituição do piso: a autoestima, habilidades, talentos e humor.

Ao longo dos anos, a palavra resiliência foi sendo utilizada em diversas áreas de conhecimento, de modo que o significado depende do seu processo de atuação em cada uma delas. Na área de solos de plantas, Bavoso (2012) avaliou o comportamento e a resiliência do solo após a utilização de técnicas específicas de compactação (estresse mecânico) e submissão aos ciclos de umedecimento e secamento. Na área de administração Minello (2010) retrata o sucesso e o fracasso empresarial condicionante à habilidade do empreendedor em superar as adversidades caracterizadas pelo contexto dos negócios. Na área de enfermagem, Chiesa (2005) enfatiza a autonomia e a resiliência como elementos necessários para potencializar e fortalecer o sujeito envolvido num determinado contexto social. Na psicologia, Teles (2006), numa articulação entre câncer infantil e resiliência, considera relevantes os elementos: fé em Deus, equipe multidisciplinar, família, amigos, órgãos municipais, o brincar e a ajuda da professora, na apropriação da díade mãe-criança como um mecanismo de proteção. No próximo tópico – Resiliência na Perspectiva da Psicologia Positiva, será dado uma maior mais ênfase à área da psicologia.

Na educação, Melillo (2005) aponta como questão central a possibilidade de fomentar a resiliência nos sujeitos aprendentes, para que estes possam enfrentar a sua inserção social de

modo mais favorável tornando possível o seu bem-estar e felicidade. O espaço mais propício para tal efetivação é a escola na qual deve ser um lugar de convivência entre professores e alunos que, conversem e se divirtam juntos, numa promoção de autoestima e bem-estar; um espaço que priorize a solidariedade. Essa construção de resiliência requer, também, da escola uma disposição do recurso humano e da estrutura organizacional para proporcionar o bem viver e o respeito. Acrescenta-se ainda que, o estudo das condições que fortalecem a resiliência institucional da escola e pessoal dos alunos é essencial para promover o melhoramento da qualidade educativa e combater o fracasso escolar. **Ainda que esse lugar esteja inserido em contextos sociais mais vulneráveis**. (grifo nosso).

A Resiliência na perspectiva da Psicologia Positiva: entre o "Berço Bom" e o "Berço Ruim" de Stanislav Grof

Apropriar-se da teoria do "Berço Bom" e o "Berço Ruim" exposta por Stanislav Grof e, articulá-la à resiliência, surge da inquietação em compreender alguns comportamentos de pessoas que se contrapõem às suas reais situações, permeadas a questão do próprio indivíduo, do contexto familiar ou características do ambiente social. Não que o autor traga, explicitamente, a concepção resiliente do nascituro, mas que afirma o contato desse pequeno ser, prematuramente, já com fatores indesejáveis.

Nascido em 1º de julho de 1931 na cidade de Praga, o psiquiatra tcheco Stanislav Grof desenvolveu nos EUA pesquisas sobre os estados alterados de consciência humana utilizando-se, inicialmente, de ácido lisérgico (LSD). Santos Neto (2009) o define não como filósofo, pedagogo ou educador, mas como investigador dos estados ampliados da consciência, gerando uma concepção antropológica a partir da construção da cartografia fundada nas experiências empíricas.

Um dos fundadores da Psicologia Transpessoal, Stalislav Grof, sugere na cartografia quatro níveis na consciência: 1- a barreira sensorial a qual corresponde a sensações físicas, tais como visão, audição, olfato, que não permitem ampliar a perspectiva do autoconhecimento; 2 - o biográfico-rememorativo que são as memórias vividas com os pais e com pessoas próximas e também à memória de acontecimentos sejam eles realizados de forma positiva ou negativamente; 3 - o nível perinatal que é tudo que envolve a memória e o aprendizado pertencentes ao processo de nascimento do bebê, denominado por Grof, de morte-renascimento que justifica o termo pelo drama e risco que permeia esse período; 4 – e o domínio transpessoal, que segundo Grof é possível considerar a espiritualidade do ser

humano, assim como, a sua dimensão ecológica, que o liga ao mundo da natureza (idem, p. 103).

Interessante são as ilustrações expostas para representar cada Matriz. A MPBI foi representada por duas pinturas ("Berço Bom" e "Berço Ruim") do próprio Stanislav Grof. A MPBII, também de Grof, representa os primeiros sintomas do parto biológico. Na MPBIII, foi a pintura do suíço Hansruedi Giger que representou a experiência do terceiro momento do parto. Já a figura do Fênix, pintada por Grof, representa bem o momento do nascimento, uma vez que simboliza morte-renascimento.

Abordar tal conteúdo proporciona uma reflexão sobre até que ponto há explicações de comportamentos influenciados a partir de fatores gerados na própria vida uterina? Não só para fundamentar-se nas explicações, mas para que possamos compreender aspectos relevantes que justificam a complexidade de ações movidas por pessoas que já carregam na sua trajetória de vida (inconscientemente) sentimentos, emoções que furtam o direito de serem felizes é que consideramos importante a discussão do tópico a seguir.

A Resiliência e a Psicologia Transpessoal

Trazer as contribuições das discussões da Psicologia Transpessoal para o presente trabalho fundamenta-se na importância da funcionalidade do cérebro (estrutura dentro da caixa craniana) o qual faz parte do Sistema Nervoso. A Profª Drª. Fabíola Albuquerque da DFP/CCSO/UFPB, durante a II Semana Nacional do Cérebro em 11 de março de 2013, através da Temática: "... E dentro da Cabeça tem um cérebro! A educação pela ética neural", afirmou durante sua palestra (transcrita para este trabalho) que o cérebro produz a mente: pensamento, criatividade, atenção, memória, cálculo, emoção, linguagem. E a partir da complexidade da Sinapse, aprender é uma predisposição biológica.

Não podemos deixar de citar ainda, os relevantes estudos de Sigmund Freud (1856-1939) na defesa das teorias do desenvolvimento social e da personalidade. Freud, médico austríaco especializado em neurologia e fundador da psicanálise (processo de análise dos aspectos inconscientes da mente), busca explicar o desenvolvimento da personalidade a partir das relações equilibradas das necessidades biológicas com as pressões sociais frente à realidade. De acordo com Freud, a primeira estrutura a se desenvolver no indivíduo é chamada de id, a parte da personalidade não organizada e busca atender as necessidades e impulsos inconscientemente. Assim, de acordo com Freud (1969, p. 507) "o id serve para ajudar os seres humanos a sobreviver na primeira parte da vida, quando dominam as necessidades relacionadas às funções corporais." A segunda estrutura, é o ego, que implica na

percepção consciente da realidade, uma interação com o mundo real, ocasião em que a satisfação da necessidade pode ser adiada. Definida como terceira e última estrutura da personalidade que se desenvolve, a superego é a parte que representa os princípios morais e os ideais da sociedade; caracteriza-se pela busca da perfeição ao invés da busca da realidade ou até mesmo do prazer.

A Psicologia Transpessoal surge a partir da década de 1960 alicerçada nas discussões de psicólogos e psiquiatras na aceitação da psicologia humanista de Maslow e Rogers. Para a psicóloga e terapeuta do Instituto Luz, Maria de Fátima Estimado Corga, o foco da discussão estaria em saber quais os limites e características os quais seriam possível atingir o potencial da consciência humana.

Os estados de consciência, através da percepção da realidade, vão além do desdobramento dos diferentes planos, sejam nas esferas fisiológicas, emocional, racional e espiritual. Convergente com as ideias de Grof, Abraham Maslow associa "criatividade autorrealizadora ao potencial humano para a criação e para a autorrealização que, uma vez presente, corporificariam a saúde mental, a vida produtiva e a flexibilidade no modo de viver" (BARLACH, 2009, p. 37). Já para Varanda (2009, p. 23), os estados alterados da consciência são transitados pelas pessoas por "diferentes estados de percepção da realidade e de si mesmo, em diferentes momentos da vida".

A Teoria de Maslow (Fig. 1) utilizada por Benicasa (2010, p. 119), na tese sobre avaliação da qualidade de vida e uso de drogas em adolescentes no município de São Paulo, reforça a afirmação de que "o comportamento, as motivações e o sentimento de bem-estar podem ser explicados por uma sequência de necessidades, começando pelas mais básicas e subindo até as mais sofisticadas (topo da pirâmide)". Isso está bem representada na pirâmide hierárquica de Abraham Maslow, quando parte da satisfação das necessidades dos níveis inferiores para os níveis superiores. Nessa proporção, o nível socioeconômico é que vai determinar o grau de satisfação, e de acordo com a quantidade de necessidades satisfeitas será também atribuída à qualidade de vida. Na mesma linha de pensamento, Padilha (2006) descreve que, nas necessidades fisiológicas inserem-se as necessidades instintivas de sobrevivência, tais como alimentação, descanso etc. Quando as necessidades fisiológicas são supridas, então surgem as necessidades de segurança que se vincula a perigos, ameaças, contra privações. Nas necessidades sociais estão as necessidades de participação, de dar e receber afeto, amizade e amor. A ausência desta pode desencadear a falta de adaptação social e autoexclusão. Para as necessidades de autoestima, a autora elenca as necessidades de respeito próprio, como autoconfiança, aprovação e consideração social. Na sua deficiência,

podem ocorrer sentimentos de inferioridade e de desânimo. No topo da pirâmide estão as necessidades de autorrealização, na qual Padilha afirma que o seu surgimento parte após a satisfação de todas as necessidades anteriores descritas, e que são as necessidades humanas mais elevadas: necessidade de conseguir o desenvolvimento pessoal pela utilização de todas as suas capacidades e potencialidades.



Figura 1. Pirâmide de Maslow "Hierarquia das Necessidades, 1987". **Fonte**: Benicasa, 2010.

Para Maslow, psicólogo que estudou as necessidades humanas frente as suas manifestações, e que retrata, em graus de importância, essa relação, afirma que as necessidades básicas, que estão na base da pirâmide, como: alimentação, sono, abrigo, água, excreção e outros, são as fisiológicas. Segundo ele, elas representam as necessidades relacionadas ao organismo. As necessidades de segurança e estabilidade aparecem após o suprimento das necessidades fisiológicas. São representadas por proteção contra a violência, proteção para saúde, recursos financeiros e outros. As necessidades sociais, amizades, socialização, aceitação em novos grupos, intimidade sexual e outros somente aparecerão após as necessidades de segurança serem supridas. As necessidades de status e estima ocorrem depois que as necessidades sociais estiverem satisfeitas. São compostas pela confiança e autoconfiança, pelo reconhecimento e respeito dos outros e pelas conquistas. As necessidades de autorrealização que se encontram hierarquicamente no topo da pirâmide são formadas pela: moralidade, criatividade, espontaneidade, autodesenvolvimento, prestígio. Ou seja, o indivíduo para obter a qualidade de vida, necessário se faz ter um nível socioeconômico satisfatório.

Investigar o entendimento acerca da resiliência segundo as internas, inseridas no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, foge dos padrões da sociedade capitalista e da própria teoria de Maslow. Uma sociedade marcada pelo consumismo e pela valorização do ter. Na sociedade intramuros se destaca por um lado a presença da superlotação e por outro a ausência de privação, dificultando o atendimento das próprias necessidades fisiológicas

básicas. Se as necessidades básicas não são supridas como deveriam ser, imagine as necessidades mais complexas como: autorrealização e autoestima? E, como explicar criatividade, elevada autoestima, bom humor, autonomia apresentadas por algumas reclusas quando as suas necessidades mais básicas não são atendidas de maneira satisfatória?

E o que dizer da fala de "R. B." transcrita em seu relato: "*Viver é um desafio. Aqui dentro eu superei porque é muito sofrimento mesmo. Aqui dentro só DEUS. Quando canto eu me sinto livre. Eu conquistei o espaço aqui dentro"*. Compreender na frase o significado da palavra "livre" mesmo num contexto carcerário é de elevada importância uma vez que confronta com a posição hierarquia de auto-realização na Pirâmide de Maslow.

Resiliência e Psicologia Positiva: um encontro necessário

A Psicologia Positiva surgiu a partir de 1998, através de artigos publicados mensalmente de Martin Seligman, na condição de presidente da *American Psychological Association*. O foco centrava-se na necessidade de mudar a concepção da Psicologia até então praticada tão somente para tratamento patológico. De acordo com Yunes (2003, p.75), para esse importante pesquisador, a ciência psicológica tem "esquecido ou negligenciado a sua mais importante missão: a de construir uma visão de ser humano com ênfase em aspectos virtuosos".

Essa nova perspectiva da ciência psicológica para Yunes (2003, p.75) é retratada como um novo caminho para compreender alguns fenômenos da psicologia como "felicidade, otimismo, altruísmo, esperança, alegria, satisfação e outros temas humanos, tão importantes para a pesquisa quanto depressão, ansiedade, angústia e agressividade". Para a autora, não é fácil romper com o viés "negativo" e adotar uma ciência que focalize potencialidades e qualidades humanas, **mas é possível**. (grifo nosso).

Relacionar resiliência à psicologia é antes de tudo uma compreensão contextualizada do comportamento humano frente às transformações dinamizadas do mundo globalizado, caracterizadas pelas condições adversas de exploração, abuso, negligência e dominação. Tanto é que, resiliência é um termo recente aplicado às Ciências Humanas. Segundo Dell´Aglio, Koller, Yunes (2006), a resiliência é gestada na concepção de buscar uma nova forma de compreender o homem não através da doença e sim pela dimensão da saúde. Então, surge a psicologia positiva ou psicologia contemporânea como forma de abdicar de algumas condutas tradicionais epistemológicas que não se apropriam de algumas verdades quanto aos aspectos saudáveis de indivíduos, grupos ou comunidades. Numa perspectiva conceitual e histórica Koller e Poletto (2006) define resiliência como "habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças e dificuldades".

Ainda de acordo com as autoras, "a multiplicidade e a complexidade de fatores e variáveis que são determinantes para o estudo de fenômenos humanos (p. 22)".

Ito e Guzzo (2002, p. 426) ao desenvolver suas pesquisas têm buscado "investigar a influência de fatores genéticos e ambientais" nos comportamentos dos indivíduos e esclarecerem dúvidas quanto à questão em tela. Esses pesquisadore se apropriam ainda das contribuições de Baker e Clark que observam se as variações que ocorrem nos traços entre pessoas, as quais se relacionam geneticamente de diferentes maneiras, são determinadas devido à hereditariedade e/ou fatores ambientais.

Nesse sentido, as fundamentações da Psicologia Positiva servirão de subsídios para construir uma estratégia pedagógica no nosso estudo que contemplem os pilares da resiliência: introspecção, independência, capacidade de se relacionar, iniciativa, humor, criatividade, moralidade, autoestima consistente (SUÁREZ OJEDA, 1997 *apud* MELILLO, 2005).

Perspectiva em promover a Resiliência através da EJA em contexto prisional

A educação, em toda a sua complexidade, favorece, através do processo de ensino-aprendizagem, a transformação do sujeito aprendente. E, principalmente, quando este está inserido numa realidade que apresenta situações adversas, como é o caso dos presídios. A importância em promover a resiliência ainda é um tema pouco discutido no meio acadêmico, basta verificar as poucas discussões sobre a temática no próprio processo de formação acadêmica, principalmente na área pedagógica, ou seja, nenhuma disciplina curricular contempla esse assunto, e são poucos os professores que se "aventuram" a discuti-lo, a não ser quando são questionados e instigados no seu exercício cotidiano.

Ampliar as leituras teóricas e relacioná-las às observações e vivências no contexto físico, social e humano e, sobretudo, pedagógico, requer uma sensibilidade que configure, primeiramente, na humildade de reconhecer que há um universo a ser explorado e que o espaço amostral é uma pequena célula que carece de atenção, responsabilidade e compromisso ético por parte daquele que irá investigá-la. É um desafio que configura na montagem de um "quebra-cabeça" cujas peças não estão isoladas e sim arraigadas numa cultura peculiar.

O docente quando age no espaço escolar, o seu olhar sobre esse contexto pode congelar ou reproduzir a realidade existente tanto quanto produzir um conflito que proporcione algumas transformações. Gadotti (2000, p.79) numa perspectiva de educação planetária traz as ideias de Gutiérrez ao afirmar que para educar nesta nova concepção é

preciso adquirir novas capacidades, tais como: "sentir, intuir, vibrar emocionalmente [...] imaginar, inventar, criar e recriar [...] pensar em totalidade (holisticamente)". Na intenção de promover a resiliência no contexto prisional nos apropriamos da palavra "ecopedagogia" definida a partir dos anos 90 por Gutiérrez (1997 *apud* GADOTTI, 2000, p.80) como: "facilitar, acompanhar, possibilitar, recuperar, dar lugar, compartilhar, inquietar, problematizar, relacionar, reconhecer, envolver, comunicar, expressar, comprometer, entusiasmar, apaixonar, amar".

Toda prática educacional planejada exige como pressuposto o conhecimento da realidade dos sujeitos discentes, aqui especificamente, do contexto prisional do Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão. Além das observações do local, os relatos das internas nos fornecem recursos para compreender as características em função das suas experiências de vida, e essa ação nos é confirmada pela Teoria dos Sistemas Ecológicos de Urie Bronfenbrenner (1979; 1989 *apud* Freud, 1969, p. 557) a qual defende a ideia de que "os processos e resultados desenvolvimentais variam como função conjunta das características da pessoa e dos contextos que a pessoa experiencia". O autor exemplifica a puberdade (eventos no interior da pessoa) e, no contexto familiar, o divórcio. Ou seja, o momento da puberdade pode afetar a autoestima, enquanto o divórcio pode afetar os modelos de papéis sexuais.

O estudo dos seres humanos em seus diversos contextos sociais no processo de socialização, para a teoria de Bronfenbrenner, requer sustentar a pesquisa em quatro sistemas hierarquicamente estruturados:

1 – microssistema, estrutura básica relacionada às "relações vividas por uma pessoa em desenvolvimento em um determinado contexto, como família, escola, grupo de colegas ou comunidade", e que seu desenvolvimento pode ser afetado não só pela relação que ela tem com as pessoas inseridas nesses espaços, mas também pela interação entre os membros dessa estrutura, ou seja, a relação do pai com a mãe pode afetar o seu desenvolvimento.

2 – mesossistema, outra estrutura que permeia as relações entre dois ou mais membros dos microssistemas quando uma pessoa está em desenvolvimento. Ocorre, por exemplo, quando a família tem pouca participação na escola afetando as atividades escolares de uma criança;

3 – exossistemas são os ambientes que não têm a participação da criança, mas que afetam também o seu desenvolvimento, toma-se como exemplo o trabalho dos pais;

4 – macrossistema é mais abrangente e caracteriza-se pela diversidade de crenças, cultura, religião ou aspectos socioeconômico pela qual a criança estabelece relação na sociedade.

Para a compreensão dos relatos das internas com possíveis características resilientes, nos reportamos, também, a Luiz Carlos Osório, psicanalista de renome nacional e

internacional, que possui larga experiência na prática psicoterápica e psicanalítica com adolescentes. Para ele, compreender o adolescente significa não separar os aspectos biológicos dos psicológicos, nem dos sociais ou culturais (OSÓRIO, 1992). O mesmo faz uma distinção entre Puberdade e Adolescência numa caracterização de que a puberdade associa as modificações biológicas de uma determinada faixa etária, enquanto a adolescência uma relação com as transformações psicossociais que as acompanham.

A construção da identidade é muito forte e Osório traz, através da contribuição de Grinberg, sua definição que está formulada a partir das noções dos seguintes vínculos: de integração espacial (relacionado com a imagem corporal); de integração temporal (capacidade do indivíduo de recordar-se no passado e imaginar-se no futuro); e da integração social (interrelações pessoais primeiramente com a família e depois com todos aqueles que construam uma relação afetiva importante no decorrer de sua existência).

Quando J. sintetiza quem deseja ser *"Mãe e filha é o que eu quero ser a partir de hoje"*, isso representa uma reflexão daquilo que ela deixou de ser em tempo oportuno (filha e mãe) e retrata o seu desejo em recuperar os atributos fiéis daquilo que ela verdadeiramente quer ser - obediente e responsável. Além da gravidez na adolescência – aos 16 anos – que contribuiu com as alterações do seu corpo. Para A. P., a experiência precoce na prática sexual – aos 11 anos já namorava um homem de 19 anos e que o convidava para a cama – provocou sua emancipação sexual e quebrou uma cadeia natural das fases das descobertas, favorecendo uma busca por novas experiências e desejos. O contato com o álcool e o cigarro na adolescência por R. B. favoreceu a falsa ilusão de "independência", e acarretou problemas de amizades por falta de amadurecimento.

Cláudia Jacinto (*apud* COSTA, 2001, p. 54) afirma que "três instituições são fundamentais para a trajetória pessoal e social do adolescente: a família, a escola e o trabalho". O autor faz uma "fenda" entre os adolescentes favorecidos socioeconomicamente daqueles que não são e analisa os comportamentos dos mesmos nas três esferas. Porém, enfatizarei apenas àqueles que estão em situação desfavorável. Primeiramente, pela família a qual não funciona como uma rede de proteção para o adolescente e não cria condições para o mesmo exercer futuramente a sua cidadania. Na escola, não conseguem permanecer porque precisam trabalhar para ajudar a família e abandona os estudos. E quanto ao trabalho, precocemente são forçados a exercerem atividades que não são agradáveis. Esses adolescentes precisam aplicar maiores esforços para conquistar seus objetivos. O esforço que J. aplicou foi ser traficante de drogas para suprir as necessidades materiais de seus filhos. Inclusive, em

entrevista (registrada em áudio), afirmou que após a sua reclusão, a família passou por privações, chegando a receber ajuda de algumas internas.

As características resilientes estão, também, imbricadas no Relatório de Jacques Delors (1996). Trata-se de um Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI destinado à UNESCO. Esboça quatro pilares da educação, enfatizando que a escola não é um único lugar para "aprender a aprender" e que não tem a tarefa apenas de transmitir conhecimentos. Considera que na educação há "um tesouro a descobrir" (UNESCO, 1996) e percorre por quatro pilares da educação: 1- aprender a conhecer (aprender a aprender) que significa exercitar a atenção, a memória e o pensamento; 2 – aprender a fazer, que corresponde aptidão para as relações interpessoais; 3 – aprender a viver junto o qual viabiliza a compreensão do outro; 4 – aprender a ser o qual desenvolve a personalidade individual e da capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal.

Tanto R. B., como A. P. e J. exercem funções específicas no presídio que são coerentes ao discurso de Jacques Delors. R. B., mesmo tendo concluído o Ensino Médio, frequenta as aulas do Ensino Fundamental II (6º e 7º anos), tais atitudes tanto contribui para a remissão do tempo de pena, como também amplia os seus conhecimentos. No aprender a fazer, ela utiliza-se da voz para aproveitar de alguns privilégios – dirigir o Coral – com apresentações em lugares extramuros, padronizadas com uniformes, com viagens, enfim, há um reconhecimento do talento por parte da Gestão do Presídio, dos Agentes Penitenciários e das internas e, sobretudo, a aquisição do respeito, como ela mesma afirma "*Quando canto eu me sinto livre. Eu conquistei o espaço aqui dentro. Hoje, eu venci porque as pessoas se adaptaram a mim. Conquistei o respeito"*. No aprender a fazer e a viver junto, J. traz consigo a facilidade em articular as relações entre as internas e as agentes penitenciárias e entre as próprias internas. É importante ressaltar que durante a aplicação dos questionários, houve uma grande contribuição de sua parte, favorecendo a efetivação dos mesmos - uma peculiaridade que chama atenção, movida de bom humor, criatividade e autonomia.

O espaço em sala de aula favorece as interrelações entre as próprias internas, isso se deve a sua própria afirmação de que "*aprendi a escutar a opinião do próximo*". No aprender a ser, a forte identidade de A. P. alicerçada pelas superações de traumas na infância e na adolescência, marcada por rejeição dos pais biológicos aos três (03) meses de idade, preconceitos por parte dos irmãos adotivos e na escola, contato com traficantes de drogas, alcoólatra, adúlteros na própria família, abusada pelo pai biológico aos 15 anos de idade, não a impediram de constituir uma família e de receber apoio de sua companheira a qual mantém uma união estável há oito (8) anos. Sua última fala sintetiza sua própria história de vida: "*Se*

não houver tribulação, não se conquista a vitória". Importante frisar que A. P. recita poemas e literatura de cordel muito bem, e dialoga com o conteúdo provocando risadas de outras internas. Ela, inclusive escreve os cordéis construídos por outra interna que vai ditando – uma habilidade que é muito comum nos presídios.

Segundo Costa (2001, p. 69), estes quatro pilares na sua sequência compreendem os seguintes eixos: 1 – "da competência cognitiva", defende a ideia do autodidatismo; 2 – "da competência produtiva [...], votada para a qualificação profissional"; 3 – "da competência relacional [...] Relaciona-se com a cidadania, o voluntariado, a participação, a democracia"; e 4 – "da competência pessoal [...], fortalecendo sua identidade, autoestima, autoconceito, autoconfiança, autodeterminação, auto-cuidado".

Para compreender as condutas de comportamento que se estabelecem na interação de pessoas com outras ou com o meio num contexto específico, aqui no caso do contexto prisional, apropriamo-nos do significado de autopoiese[2] - mudanças definidoras do ser vivo – que, segundo Maturama (*apud* OLIVEIRA, 2001, p. 51)

> nela as mudanças estruturais progressivas, resultantes da interação do indivíduo com o meio, são marcadas por uma auto-regulação que preserva a identidade e a capacidade de adaptação, sem as quais ocorreriam a morte do sistema. A perda da identidade do indivíduo seria letal, já que representaria não só a desintegração do sistema que ele reflete como também a perda da sua capacidade de adaptação.

A partir dessa característica, acrescento o atributo identidade como forte precursor da prática resiliente em contexto prisional. Na fala de J. "A *gente não se acostuma, a gente se adapta ao local*" e na fala de R. B. "*Hoje eu venci porque as pessoas se adaptaram a mim*" essa capacidade de se adaptar tem fonte nas infinitas relações sociais que ocorrem no cérebro, especificamente na função autorreguladora sistematizada pela autopoiese. Se não houvesse adaptação, haveria consequentemente uma desestruturação do próprio equilíbrio físico, emocional e espiritual do indivíduo.

Diante do que foi observado nas quatro oficinas oferecidas na área de Educação (mesmo em curto período de tempo) foi possível perceber mudanças de comportamento, para melhor, das reclusas, à proporção que as oficinas eram realizadas, aumentava o grau de satisfação e confiança por parte das internas; mostravam-se mais sorridentes, mais acolhedoras, distribuindo abraços fortes, demonstrando com isso, mais segurança no grupo da educação. Dançavam, cantavam com mais espontaneidade, esse conjunto de atitudes abre

[2] Autopoiese – é o resultado de uma organização autorreguladora, disparada pelo meio, nos limites do próprio sistema sem perda de sua identidade (OLIVEIRA, 2001, p. 51).

caminhos para favorecer a construção da resiliência através da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa é de natureza descritiva e qualitativa, com o intuito de explorar os significados presentes na realidade estudada

Ampliar os conhecimentos através de pesquisas bibliográficas referentes ao assunto proposto, aplicar o Questionário-Padrão como forma de se ter uma visão geral do perfil das internas, escutar as histórias de vida de três reclusas numa entrevista não padronizada e analisá-las articulando às fundamentações teóricas são instrumentos indispensáveis a realização desse trabalho.

Perfil das internas

As mulheres em situação de internamento no Centro em tela se caracterizam em sua maioria: paraibanas; solteiras (relacionamentos conjugais não oficializados em lei); se encontrarem numa faixa produtiva para o trabalho (entre 18 a 24 anos); serem mães; exerciam funções subvalorizadas pelas sociedades antes da reclusão (serviços gerais, garçonete, cabeleireira...); não trabalharem na prisão por falta de oportunidade; não ter capacitação profissional; escolarização o Ensino Fundamental I; não estudar na prisão; delito cometido – tráfico de drogas (Art. 33 do Código Penal).

Enfim, são mulheres que estão à margem do processo de produção e excluídas não só do trabalho, mas também das políticas sociais. Sem vínculos empregatícios, com baixa renda e escolaridade. Consideramos, também, importante articular aos relatos a *"casita"* de Stefan Vanistendael (MUNIST *apud* MELILLO, 2005) que amplia novos conceitos de resiliência constituídos em alguns compartimentos: a) o chão que representa as necessidades básicas como saúde, alimentação, descanso e recreação; b) o cimento que são as redes de contato em que vive e se desenvolve o ser humano através da família, amigos, vizinhos, colegas de escola e de trabalho; c) o coração que é a aceitação incondicional da pessoa independentemente de seu comportamento por parte de alguém próximo; d) planta baixa que simboliza a capacidade de descobrir um sentido, uma coerência na vida.

História Contada por "R. B."

Perfil: Idade: 28 anos; Estado Civil: Solteira; Escolaridade: Ensino Médio Completo

Delito cometido: Tráfico de Drogas.

Tenho 28 anos de idade e dois anos de reclusão. A minha mãe, hoje, se encontra enferma acometida do 3º AVC. Em relação a minha voz, minha mãe não acreditava em mim, mas ela sempre repetia que eu era bonita. Eu ainda tenho um sonho: restituir a família para cuidar da minha mãe. Quero, também, formar uma família, ter filhos, me profissionalizar como cantora e ter reconhecimento na área musical. Comecei a participar das bandas músicas lá fora aos quinze (15) anos e viajava muito, mas sempre na companhia de minha mãe. A lembrança que tenho de meu pai era que maltratava a minha mãe, e traía com outras mulheres. Nunca consumi drogas, mas gostava de fumar e beber. Com a independência financeira, resolvi morar sozinha aos vinte e cinco (25) anos e comprei uma casa no Bairro São José com a rescisão de trabalho. Minha sobrinha (16 anos) frequentava a minha casa e tinha um amigo que consumia drogas, quando os policiais chegaram encontraram drogas com ele. Eu fui presa, ele também, mas minha sobrinha não foi porque era menor de idade. Ele foi levado para o Roger e depois eu soube que faleceu de tuberculose. Eu peguei sete (7) anos e oito (oito) meses de reclusão. Sou primária e estudo na prisão, mesmo tendo concluído o ensino médio, para remir o tempo de pena.

Ao solicitar que sintetizasse sobre quem é "R. B.", obtivemos o seguinte depoimento da reclusa.

"Eu não tinha sabedoria lá fora. Viver é um desafio. Aqui dentro eu superei porque é muito sofrimento mesmo. Aqui dentro só DEUS. Quando canto eu me sinto livre. Eu conquistei o espaço aqui dentro. Hoje, eu venci porque as pessoas se adaptaram a mim. Conquistei o respeito. Tenho algumas habilidades: voz, liderança, elevada autoestima, artesã".

Algumas características foram edificadas a partir da fundamentação dos seguintes teóricos já citados em momentos anteriores, a saber:

1ª) Francisca Infante – superar a adversidade, adaptar-se à sociedade e ter melhor qualidade de vida.

"*Quando eu canto eu me sinto livre"*

Utiliza-se da voz (habilidade), liderança, elevada autoestima, artesã.

2ª) Stefan Vanistendael – "casita" – novos conceitos resilientes.

Planta baixa – capacidade de descobrir um sentido, uma coerência de vida.

"*Conquistei o respeito"*

"Hoje eu venci porque as pessoas se adaptaram a mim"

3ª) Urie Bromfenbrenner – o desenvolvimento varia como função conjunta das características da pessoa e dos contextos que a pessoa experiência.

"*A lembrança que tenho de meu pai era que maltratava a minha mãe, e a traía com outras mulheres"*

4ª) Maturama – quando o indivíduo interage com o meio, ocorrem mudanças estruturias progressivas. Tais mudanças são autorreguladoras e promovem a preservação da identidade e a capacidade de adaptação.

" *Eu conquistei o espaço aqui dentro*"

A História de "A. P."

Perfil: Idade: 43 anos; Estado Civil: União homoafetiva; Escolaridade: Ensino Médio Completo; Delito cometido: Tráfico de Drogas.

A minha infância foi um pouco perturbada. Minha mãe era mulher de programa. Aos três (3) meses de idade fui adotada por uma família constituída de traficantes de droga, alcoólatra, adúlteros. Comecei a lembrar da infância a partir dos quatro (4) anos. Além da rejeição dos pais biológicos, também recebi rejeição por parte dos pais adotivos quando me chamavam de enjeitada. Decidi perguntar a lavadeira o motivo de tal palavra e a mesma disse que eu tinha sido colocada numa lata de lixo. Eles nunca escondiam esse fato. Sofri preconceitos dos próprios irmãos. Só Iara (irmã mais velha) que me tratava bem, por isso eu a chamava de mãe. Aos dez (10) anos, meu irmão caçula, que tinha quinze (15) anos na época, e meu pai adotivo tentaram me abusar. Esse irmão caçula, em 1986, foi assassinado com vinte e oito (28) golpes de foice e cinco (5) tiros na cabeça. Eu tinha dezesseis (16) anos. E vou ser bem sincera: senti aliviada com a tragédia. O meu pai adotivo depois do choque da morte do filho, não tentou mais me abusar. Na escola, eu lembro com carinho da minha primeira professora. A mãe adotiva levava lanche e era muito carinhosa. A minha mãe era negra e eu era branca e no colégio aos 15 anos de idade eu já sabia que iria sofrer preconceitos. Sempre sonhei com uma festa de quinze (15) anos, mas eles não gostavam de fazer festas. O meu pai biológico (advogado), nos meus quinze (15) anos, resolveu me conquistar como pai. Recebi o seu convite para usufruir as férias. Quando cheguei à casa de praia eu tive um desgosto, comecei a ver a riqueza e não entender por que tinha sido entregue a adoção, inclusive ele tinha uma filha adotiva. Ele quando bebia muito uísque, à noite, pedia para que todos fechassem as portas. Ele me trancou na sauna e me forçou a fazer sexo oral e depois tentou fazer sexo anal, mas não conseguiu. Foi ai que percebi que fui convidada para essa função. Aos quinze (15) anos, o silêncio dominou o meu ser. Eu só pensava em fazer alguma coisa errada para impedi-lo. Peguei a televisão grande e empurrei até ela cair ao chão. Motivo que o levou a arrumar a minha bagagem e levar de volta à

Campina Grande. Ele não brigou porque tinha medo de eu revelar o motivo. A viagem toda sem dar uma palavra, até o momento que chegou para minha mãe adotiva e disse: tome aqui sua filha, só quem aguenta ela é a senhora. Desde os treze (13) anos eu já usava maconha por influência do meu irmão caçula. Os traumas me levaram a sentir o desejo pelo homossexualismo, mas tive medo de namorar. Lembro que aos onze (11) anos namorei um homem de dezenove (19) e ao contrário do normal eu sempre me oferecia para ir à cama, mas ele nunca queria, a não ser pelo sexo oral e mais nada. E ele tinha um companheiro (namorado) que eu não desconfiava. A. P. só descobriu que o namorado era gay após o assassinato do seu companheiro. (grifo nosso). *Aos dezoito (18) anos, pensei em namorar uma mulher. Foi ai que optei pelo lado masculino, e me sinto muito bem. Os meus pais adotivos me aceitam do jeito que eu sou. A primeira companheira faleceu aos vinte e sete anos (27) com hepatite B após um relacionamento de dez (10) anos. Hoje, aos quarenta e três anos (43) tenho uma companheira, uma união estável que dura oito (8) anos.*

Quando lhe pedi para sintetizar quem é "A. P.", a entrevistada respondeu da seguinte maneira: *"Se não houver tribulação, não se conquista a vitória".*

É importante ressaltar que, "A. P.", ao declarar que mantém um relacionamento homoafetivo, se recusou a escolher um nome de uma flor, mesmo que esta tivesse um nome masculino.

De acordo com algumas bases teóricas, apontamos as seguintes características:

1ª) Urie Bronfenbrenner

Microssistema – estrutura básica de relacionamento de uma pessoa em desenvolvimento com a família, escolas, colegas ou comunidades. O seu desenvolvimento pode ser afetado por essas relações.

"*Aos três meses de idade fui adotada por uma família constituída de traficantes de droga, alcoólatra, adúlteros*"

2ª) Luis Carlos Osório – para compreender os adolescentes, não devemos separar os aspectos biológicos dos psicológicos, nem dos sociais ou culturais.

"*Aos 10 anos, meu irmão caçula, que tinha 15 anos na época, e meu pai adotivo tentaram me abusar"*

"Aos 11 anos já namorava um homem de 19 anos e que era eu quem o convidava para a cama"

A História de "J."

Perfil: Idade: 29 anos; Estado Civil: Solteira; Escolaridade: Ensino Fundamental I;

Delito cometido: Tráfico de Drogas.

Tenho vinte e nove (29) anos e na minha infância morei com os meus avós. Aos seis (6) anos, os meus pais se separaram. Aos dezesseis (16) anos tive meu primeiro filho e foi uma gravidez atrás da outra (18 anos, 20 anos e 22 anos). Os três primeiros foram de um só pai o qual me apresentou às drogas, e o último foi de um que comercializava as drogas. A última gravidez eu rejeitei muito porque escutava do meu avô que a mulher quando tinha filhos de mais de um pai era prostituta. Pensei em dar, mas não dei. A criança sentiu a rejeição. Peguei sete (7) anos de reclusão, mas sou feliz e tenho minha família que me apoia, mesmo passando por dificuldades. Depois da reclusão, eu tive um verdadeiro encontro com JESUS e sou feliz; aqui Ele me resgatou. Hoje, eu sei que minha mãe me ama e meus filhos não me abandonaram porque recebo visita deles. Tenho aqui poucas amizades verdadeiras, lá fora eu achava que tinha muitos amigos, só ilusão. Eu uso o bom-humor, a criatividade, a liderança porque eu tenho que viver o meu mundo da melhor forma possível. Vou levando a vida sorrindo, brincando. A fé em DEUS é muito importante, é a base de tudo, é o que me mantém aqui. Com DEUS é essa tribulação toda, imagine sem ele, o que seria? Só morte. Aprendi a lidar com pessoas de todas as classes sociais. A gente não se acostuma, a gente se adapta ao local. Eu era presa espiritualmente, quando eu abusava de um canto eu logo me mudava. Às vezes tem aquele momento de tristeza, aí vem a fé de que um dia eu vou sair daqui.

J. sintetizou sua história com a seguinte frase: *"Mãe e filha é o que eu quero ser a partir de hoje".*

Remetendo a algumas fundamentações teóricas, identificamos as seguintes características:

1ª) Urie Bronfenbrenner

Microssistema – estrutura básica de relacionamento de uma pessoa em desenvolvimento com a família, escola, colegas ou comuniades. O seu desenvolvimento pode ser afetado por essas relações.

" Aos 6 anos, os meus pais se separaram"

2ª) Stefan Vanistendael – "casita"

Coração – aceitação incondicional da pessoa (família) independentemente de seu comportamento por parte de alguém próximo. Esse apoio gera conforto e proteção.

" Peguei sete anos de reclusão, mas sou feliz e tenho minha família que me apóia, mesmo passando por dificuldades"

3ª) Francisca Infante – superar a adversidade, ter melhor qualidade de vida.

" Eu uso o bom- humor, a criatividade, a liderança porque eu tenho que viver o meu mundo da melhor forma possível"

4ª) Luis Carlos Osório – não separar os aspectos biológicos dos psicológicos, nem dos sociais dos culturais.

" Mãe e filha é o que eu quero ser a partir de hoje"

Remetendo aos atributos individuais destacados nas concepções de Francisca Infante sobre resiliência, citados anteriormente, percebemos que "R. B." utiliza-se da voz, liderança, elevada autoestima, artesã, para viver e conviver num ambiente que apresenta um histórico de delitos cometidos em que o tráfico de drogas é o de maior incidência e reincidência. Já "A. P." a construção forte da identidade a faz se impor numa sociedade eminentemente preconceituosa, tanto é que no levantamento dos dados do Questionário-Padrão, há uma diferença estreita entre as que respondem serem heterossexuais e bissexuais. Em relação a "J.", o bom-humor, a criatividade, a liderança e a fé em Deus, contribuem nas suas relações sociais e no "trânsito livre" que conquistou intramuros, indicando que a religião mostra-se como um fator importante na busca do bem-estar confirmado no resultado do item 14[3] do Questionário-Padrão.

Articular os relatos à *"casita"* de Stefan Vanistendael, declarado anteriormente, no item "c) o coração que é a aceitação incondicional da pessoa independentemente de seu comportamento por parte de alguém próximo", confirma, nas três histórias de vida, a presença de alguém que apoia, que está presente nos momentos difíceis, isso traz um conforto, uma proteção. A presença da família é essencial para o fortalecimento dos aspectos resilientes, principalmente quando se trata de pessoas cativas. O item "d) (do mesmo autor) refere-se a planta baixa que simboliza a capacidade de descobrir um sentido, uma coerência na vida", vimos que nas três histórias há em comum a busca pelo respeito, essa aquisição é importante para ampliar e impor as outras habilidades. Enfatizo a fala de "R. B." quando afirma que "*Hoje, eu venci porque as pessoas se adaptaram a mim"*. Se na *casita* o piso deve ser constituído de autoestima, habilidades, talento e humor, no Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão não deve ser diferente. Mas, para que isso se torne realidade em seu espectro, é necessário abrir caminhos que possibilitem a afirmação de fatores resilientes, não significando a homogeneidade da aplicação, mas investigando em cada interna o seu potencial

[3] Item 14. Sobre religião. Das 146 internas que se submeteram ao Questionário-Padrão, 76 responderam ser Católicas; 46 protestantes; 18 Sem religião; 05 Outras; e 01 não informou.

que ora pode está oculto em caráter de proteção, ora pode ser revelado desabrochando mais uma singela flor.

Ao ouvir os relatos das histórias das três reclusas, pude compreender a necessidade de promover os pilares resilientes no contexto prisional.

Visando materializar a promoção de resiliência no presídio, enfocamos neste trabalho monográfico alguns procedimentos: 1 - no primeiro momento, apresentar o conceito de resiliência a todos e todas que fazem parte da realidade do presídio, apontando a real situação (fatores de risco) e enfatizando alguns pontos fortes e fracos; 2 - no segundo momento, expor os pilares da resiliência tais quais, introspecção, autonomia, capacidade de se relacionar, iniciativa, bom humor, criatividade, moralidade, autoestima elevada, e utilizá-los como palavras geradoras de discussões, que na concepção de Freire (1996, p. 49) fundamentam-se em "construir uma educação emancipatória e libertadora", essa construção implica o direito à autonomia, à liberdade de pensamento, à liberdade de expressão e, também, de ter um sentimento de pertencimento à sociedade (intramuros e extramuros) na qual está inserida, além de acrescentarmos, também, na discussão algumas condutas de risco antes da reclusão, tais como: alcoolismo, dependência química, prostituição, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras. 3 - num terceiro momento, representar através de esquetes, a importância do papel de proteção da família; 4 – último momento, para finalizar a construção individual de histórias de vida que expressem características resilientes vivenciadas no contexto prisional.

CONCLUSÕES

Todos nós (docentes) sabemos de que tudo que venha proporcionar melhorias na qualidade de vida de qualquer indivíduo será sempre através da educação - um pilar que sustenta a base de qualquer crescimento da sociedade. O acesso igualitário de todos e todas à educação é um dos princípios básicos garantidos em lei. Uma educação não só voltada a importância de ler, escrever e contar, mas uma escolarização que permita a construção da identidade de um ser que precisa pertencer à sociedade que nela não se sinta excluído. Esse sentimento de pertencimento é importante para que sua identidade seja fortalecida nas bases sociais, econômicas, culturais, políticas e educacionais.

A educação de jovens e adultos no sistema prisional deve ser vista não como privilégio, mas um direito subjetivo garantido pelo Estado em parceria com a família e todas as instituições formais e não-formais que constituem a sociedade.

Há mais do que expectativa em aplicar os pilares resilientes no contexto prisinal, há esperança em que a formação docente permita que essa aplicabilidade favoreça a reentrada das ex-reclusas ao mundo extramuros. Um ingresso que lhes permita olhar para trás sem precisar esconder a face ou intimidar a fala.

Promover resiliência, através da EJA, requer que essa seja uma educação de qualidade, diferente da oferecida às jovens e adultas no Centro de Reeducação Feminina, a qual, ainda se mostra como uma tarefa secundária, tímida, sem muito esforços. E para atender a demanda da EJA num compasso às mudanças tecnológicas e científicas da sociedade é preciso mão de obra qualificada para articular tal complexidade. É nessa interseção que surge um dos maiores desafios: preparar a mão de obra intramuros para que no momento de reinserção/retorno social não haja uma discrepância de qualificação que atenda as exigências de mercado. Sofrendo em consequência mais exclusões. Para fortalecer a promoção resiliente é preciso uma atenção a qualificação profissional, um quefazer que atraia e construa uma afinidade com as habilidades que já estão definidas por muitas internas.

Noutra direção, não é novidade para ninguém de que a utilização exclusiva do livro didático pelo professor não é suficiente para formar o aluno e nem muito menos respeitar toda a sua complexidade – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver, aprender a ser. A especificidade da EJA exige didática e estrutura física que favoreçam a compreensão da realidade dessas jovens e adultas, sobretudo nos espaços prisionais, local em que as práticas pedagógicas devem ser realizadas. Se apropriar dos referenciais teóricos e trocar ideias de experiências exitosas devem ser a essência da prática pedagógica.

Assim, consideramos fundamental a formação docente no sentido de que o mesmo esteja preparado a aplicar esse novo saber-fazer “Resiliência: Uma alternativa de superação ao sofrimento carcerário no Centro de Reeducação Feminina”.

Não há possibilidades físicas, psicológicas e emocionais para fechar essa pesquisa. A inconclusão é regada de limitações, mesmo porque o curto período de tempo o qual me deparei não proporcionou uma fundamentação mais concreta. O próprio campo de pesquisa é uma “mina” onde as tensões são expressas até mesmo através do silêncio; ficando apenas o olhar encarregado de transmitir mensagens de pedido de ajuda. Diante de tais circunstâncias, pretendo dar continuidade a essa pesquisa em cursos de pós-graduação como característica de um esforço contínuo e de sensibilidade às questões que envolvem pessoas que podem e devem ter o direito de serem respeitadas e consideradas capazes de construir uma vida cheias de expectativas. E a própria confiança que foi fruto dos trabalhos das oficinas já se faz

relevante a esse passo inicial para minha formação profissional e acima de tudo também pessoal.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. **E dentro da Cabeça tem um cérebro!**. A educação pela ética neural. Palestra na II Semana Nacional do Cérebro. Em 11 mar. 2018. (Transcrição da fala).

BARLACH, L. **A criatividade humana sob a ótica do empreendedorismo inovador**. Tese de doutorado pela Universidade de São Paulo. 2009. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde.../LiseteBarlach.pdf. Acesso em: 30 mai. 2018.

BATISTA, G.B.M. **Projeto de Ressocialização Feminina, Direitos Humanos e Cidadania**. PROEXT. UFPB/CCHLA/NCDH, 2013.

BAVOSO, M.A. **Resiliência Física dos Solos sob Plantio Direto**. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11140/tde-13082012-102952/pt-br.php. Acesso em: 8 mar. 2013.

BENICASA, M. **Avaliação da qualidade de vida e uso de drogas em adolescentes do município de São Paulo**. Tese de doutorado em Psicologia, 2010. USP. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde.../benincasa_do.pdf. Acesso em: 30 mai. 2018.

BITENCOURT, C.R. **Falência da Pena de Prisão:** causas e alternativas. 2ª edição. São Paulo: Saraiva, 2001.

CHIESA, A.M. **Autonomia e resiliência:** categorias para o fortalecimento da intervenção na atenção básica na perspectiva da Promoção da Saúde. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/7/tde-24082009-153734/pt-br.php. Acesso em: 8 mar. 2018.

CORGA, M.F.E. **Psicologia Transpessoal**. Terapeuta do Instituto Luz. Disponível em: http://www.institutoluz.com.br/artigos/item/132-psicologia-transpessoal. Acesso em: 30 mai. 2018.

COSTA. A.C.G. **O professor como Educador:** um resgate necessário e urgente. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001. Disponível em: <http://www.certifica.org.br/recursos/exames/%7B5103D053-0F0F-486D-A73C-A054482AF744%7D_O_Professor_como_Educador_23082004.pdf> Acesso em 20/mar/2013.

DELL´AGLIO, D.; KOLLER, S.H.; YUNES, M.A. (Orgs.). **Resiliência e psicologia positiva:** interfaces do risco à proteção. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1499 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Traduzido do alemão e do inglês sob a direção-geral e revisão técnica de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, p.79-82, 2000.

GROTBERG, E. **Guia de promoción de la resiliência em los niños para fortalecer el espíritu humano**. Países Bajos: Fundación Bernard Van Leer, La Haya, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S.; FRANCO, F.M.M. **Dicionário Houassis da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva; Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia; Banco de Dados da Língua Portuguesa, 2009. 1986 p.

IRELAND, T.D. **Educação em prisões no Brasil:** direito, contradições e desafios. Brasília: Em Aberto, v. 24, n.86, p. 19-39, nov, 2011.

ITO, P.C.P.; GUZZO, R.S.L. **Temperamento:** características e determinação genética. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002, 15(2), pp. 425-436.Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14365.pdf . Acesso em 20 mar. 2018.

LEITE, G.M.C. **Mulher em conflito com a lei**: uma análise das condições de efetivação/negação do direito numa instituição prisional. João Pessoa: Curso de Graduação em Serviço Social – UFPB, 2011.

MARTINS, M.; ARAÚJO, F.M.B. **Pedagogia Social e resiliência**: diálogos possíveis. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 21 (45). Recuperado [date], de http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1353. Este artigo é parte do Dossiê sobre Pedagogia Social no seculo 21, Editores convidados Dr. Daniel Schugurensky e Michael Silver. Brasil, 2013.

MELILLO, A. (Org.). **Resiliência:** descobrindo as próprias fortalezas. Tradução: Valério Campos. Porto Alegre: ARtmed, 2005.

MINELLO, I.F. **"Resiliência e insucesso empresarial:** um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e o estilo de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial, especificamente em casos de descontinuidade do negócio ". Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-24062010-114250/pt-br.php. Acesso em: 8 mar. 2018.

OLIVEIRA, C.C. (Org.). **Ambientes informatizados de aprendizagem**: produção e avaliação de software educativo. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Série Prática Pedagógica).

OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. 2º Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 103p.

PADILHA, M.S.E. **Halitose em adolescentes de diferentes estratos sociais do município de Ribeirão Preto/SP**. Tese doutorado pela USP, 2006. Disponível em: www.teses.usp.br/.../DOUTORADO_MARINA_SA_ELIAS_PADILHA.pdf. Acesso em: 30 mai. 2018.

PORTUGUES. M.R. **Educação de jovens e adultos presos**: limites, possibilidades e perspectivas. Brasília: Em Aberto, v. 22, n.82, p. 109 – 120, nov/2009.

SANTOS NETO, E. **Construção (auto)biográfica e formação de educadores:** um olhar desde uma perspectiva transpessoal. Revista@ambienteeducação, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 95-114, ago/dez, 2009.

SILVA, E.L.; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4.ed. ver. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em < file:///C:/Users/Cleia/UFPB/TCC%20-%20UFPB%20-%20PARA%20APRESENTA%C3%87%C3%83O/METODOLOGIA%20DA%20PESQUISA%20E%20ELABORA%C3%87%C3%83O%20DE%20DISSERTA%C3%87%C3%83O/SILVA%20E%20MENESES.pdf. Acesso em: 3 mar. 2018.

TELES, S.S. **Câncer Infantil e Resiliência:** investigação fenomenológica dos mecanismos de promoção na díade mãe-criança. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-23032006-104418/pt-br.php. Acesso em: 8 mar. 2018.

UNESCO. **Relatório Jacques Dellors.** Disponível em http://www.comitepaz.org.br/dellors.htm. Acesso em 22/jul/2012.

VARANDA, W. **Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas:** funções e significados entre moradores de rua. Tese de doutorado em 2009. São Paulo. Disponível <www.teses.usp.br/teses/.../6/.../Tese_WVaranda_publicada_BIBCIR.pdf > Acesso em 30/05/2013.

VENTURINI, F.P. **Adolescentes de um núcleo de assistência psicossocial**: do conhecimento de seu universo à intervenção para a promoção de desenvolvimento. Tese de Doutorado pela USP. Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-20092009.../Tese.pdf Acesso em: 30 mai. 2018.

YUNES, M.Â.M. **Psicologia Positiva e Resiliência**: o foco no indivíduo e na família. Psicologia em Estudo. Maringá, v.8, num. Esp., p.75-84, 2003. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf. Acesso em: 28 abr. 2018.